

Nº 408

I. PIRENTEL

Nº 5 3355

C.H.

Nº 1 JAN. 1975



CADERNOS

TEATRO OPERÁRIO

18 DE JANEIRO DE 1934



2ª edição



SECRET

... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..
... ..

SECRET

CD25A

O ACTOR E A VIDA

"Se o actor não quer ser nem um papagaio nem um macaco de imitação, precisa de assimilar os conhecimentos da sua época sobre a vida social, participando na luta de classes. Para muita gente que põe a arte (uma vez resolvida a questão do dinheiro) nos píncaros da Lua, isto parecerá degradante. Mas a luta pelas decisões supremas que dizem respeito aos homens, trava-se na terra, (e não no céu), não fora das coisas, não na cabeça de cada um. Ninguém pode estar acima das classes, porque ninguém está acima dos homens. Querer ser imparcial em arte, quer dizer muito simplesmente que se está de acordo com o partido "que está no poder".

Bertolt Brecht

O ACTOR E A VIDA

"Se o actor não quer ser nem um pagador nem um marcado de imitação, precisa de assimilar os conhecimentos da sua época sobre a vida social, participando na luta de classes. Para muita gente que põe a arte (uma vez resolvida a luta do dinheiro) nos pináculos da lua, isto parece-se deprimante. Mas a luta pelas decisões superiores que dizem respeito aos homens, trava-se na terra, e não no céu), não fora das coisas, não na cabeça de cada um. Ninguém pode estar acima das classes, porque ninguém está acima dos homens. Quem quer ser imbuído em arte, quer dizer muito simplesmente que se está de acordo com o partido "que está no poder".

Editorial da Revolução

QUEM SOMOS E O QUE QUEREMOS

Somos um grupo de trabalhadores na emigração que fazemos teatro, isto é, exercitamos a arte de contar uma história. O nosso teatro é produzido por todos nós.

O teatro é feito para ser representado.

Proporciona a enorme vantagem do público estar em contacto directo com os actores e o desenrolar dos acontecimentos. Dado que no teatro a técnica do efeito fácil tem pouco cabimento, e a presença humana no palco é mais difícil, mas, quando conseguida, mais verdadeira e profunda.

Nas nossas peças, nós tomamos uma posição política. Na realidade, todas as peças de teatro têm um conteúdo político, e o seu desenrolar é uma constante tomada de posição perante a sociedade, perante a vida.

O conteúdo político das nossas peças é evidente. Alguns acusar-nos-ão de produzir "arte panfletária". Efectivamente a nossa intenção é falar dos grandes problemas dos nossos dias, pôr a nu as contradições da sociedade burguesa e tomar posição perante elas, e a posição que tomamos é a posição da classe operária. Por um lado, a burguesia com toda a sua hipocrisia, crueldade e egoísmo. Por outro lado, o povo trabalhador, vítima da repressão e exploração ferozes que a burguesia lhe impõe pela violência. Por um lado os exploradores, por outro os explorados. Por um lado os vermes, procurando evitar a criação de um mundo novo sem vermes, por outro aqueles que são as suas vítimas e que inevitavelmente criarão esse mundo. Portanto nós tomamos posição ao lado do povo trabalhador. Não fazemos teatro de denúncia, não queremos só dizer que há muitas coisas más, mas dizemos que é possível e inevitável acabar com elas. Não criticamos, destruímos para criar. Portanto o nosso teatro é "panfletário" na medida em que a sua finalidade é a agitação e propaganda no seio das massas trabalhadoras. Mas somos muito cuidadosos com os nossos "panfletos", isto é, exigentes. O nosso "panfleto" tem de ser de boa qualidade na sua forma e conteúdo. Mao Tsé-Tung, presidente do Partido Comunista da China, ensina-nos: "O que exigimos é uma unidade da política e da arte, do conteúdo e da forma, do conteúdo político revolucionário e de um grau de perfeição da forma artística o mais alto possível. As obras de arte que não têm qualidade artística não têm força, por mais progressistas que sejam politicamente".

Outros, vão-nos acusar (acusam-nos) de aventureiros, de querer ir muito à frente, que as massas estão atrasadas, não percebem, etc.. Estes últimos, são oportunistas de um tipo diferente. Para esconder o seu desprezo pelas massas, inventam tais argumentos. A nossa experiência diz-nos bem o contrário. As massas exploradas e oprimidas amam ouvir falar de socialismo e liberdade. Só quem fecha os olhos para não ver, ou nunca os abriu, é que tal pode afirmar. Na verdade, basta lançar um olhar atento para o público espectador composto pelas tais "massas atrasadas" e vemos a sua reacção, o seu ódio de classe perante a besta burguesa, e a sua alegria e aderência às vitórias dos seus irmãos de classe, o povo trabalhador.

O nosso teatro não pretende agradar a toda a gente. Expomos situações extraídas da realidade, e um dos nossos objectivos é que o público tome posição perante elas. Se trabalharmos correctamente, dentro dos nossos princípios, o povo trabalhador presente, tomará a sua posição de classe, e mais ainda, o teatro poderá ser um ótimo meio de não mais acreditar na fatalidade divina e despertar para a luta. A conquista do poder por parte do povo trabalhador, com o proletariado à cabeça e dirigido pela sua vanguarda, pelos seus melhores filhos, não é mais um pecado nem um sonho, mas uma realidade à vista.

TEATRO OPERÁRIO

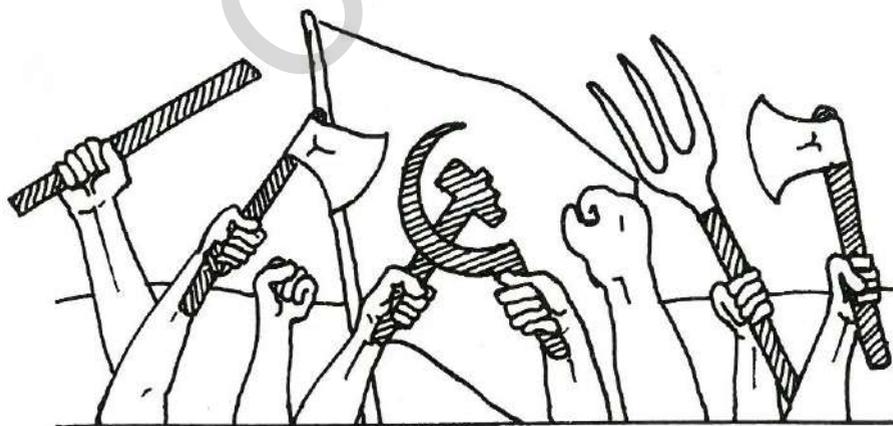
CD25A

CD25A

CD25A



18 JANEIRO 1934

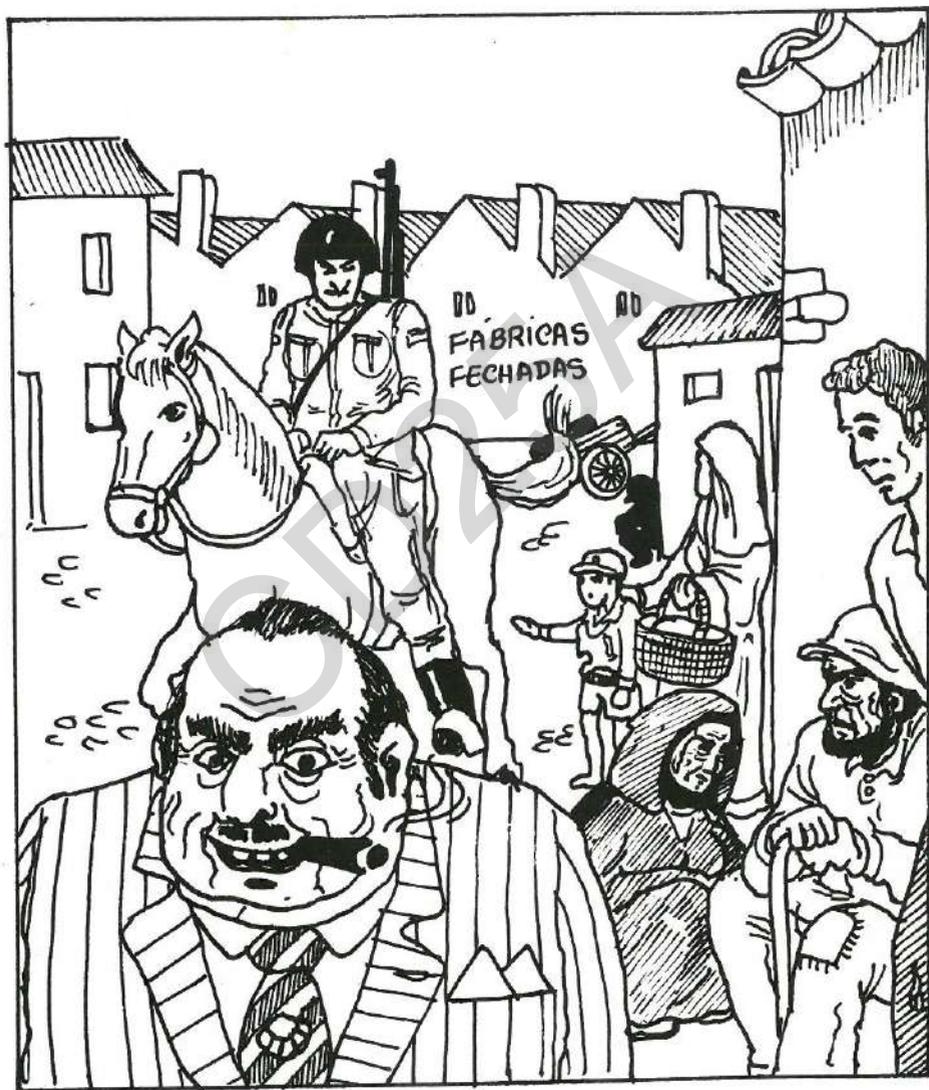


CD25A

CD25A

quadro 11

CRISE DO CAPITALISMO DE 1929



Os actores tomam várias posições indicativas de situações de miséria e desemprego: alguns jogam cartas, outros fumam o mesmo cigarro sem dizer palavra, outros pedem esmola, etc.

-Desde o início da cena, ouve-se em voz "OFF" (voz fora de cena):

Em 1929, deu-se a primeira grande crise do capitalismo. Esta crise começada na América, em breve se alastrou por todo o mundo.

Devido a excessos de fabricação, as mercadorias, por falta de compradores, iam-se amontoando nos armazéns. Bancos caíram na falência. Por todo o lado fábricas foram fechadas, lançando no desemprego e na miséria milhões de operários.

Em Portugal também esta crise se fez notar profundamente ... Na indústria das conservas de peixe, a maior do país, cerca de 100 000 operários sofreram com a situação, pois esta indústria ficou quase de rastos. Na indústria metalúrgica, quase todas as oficinas foram fechadas.

Indústria da cortiça, a segunda mais importante do país, ficou quase toda paralisada. O mesmo aconteceu com a indústria dos vidros e com a indústria textil.

Em 1931 calculou-se, que só nas cidades principais Lisboa e Porto, o número total dos desempregados era de 100 000 e que cerca de 40 000 trabalhadores morriam, minados pela tuberculose.

Todas estas calamidades se fizeram também notar, em grande escala na Marinha Grande, onde as fábricas foram fechadas e o operariado vidreiro lançado no desemprego.

Mas os trabalhadores não contentes com a situação começaram a organizar-se, obrigando o Governo a ceder uma verba de dezenas de contos para abrir trabalhos no Pinhal de Leiria, tentando assim empregar os operários vidreiros e abafar a sua revolta.

Contudo esta medida, devido às duras condições de trabalho e aos salários de miséria, não satisfaz as aspirações dos operários que se lançaram na luta.

As mulheres trabalhavam tanto como os homens.

Elas trabalham também na soldagem mais de 10 a 14 horas por dia num calor insuportável. Muitos trabalhos anteriormente feitos apenas por homens, são também agora executados por mulheres e crianças.

quadro III

PINHAL DE LEIRIA



O quadro começa em pleno trabalho; este é muito duro. O ambiente de tensão contida existe em todos os trabalhadores, reflectindo-se o mesmo por uma série de olhares trocados entre eles. O capataz vigia, passeando-se entre os trabalhadores. Esta cena de trabalho mantém-se durante um ou dois minutos, em silêncio. Quando o primeiro trabalhador fala todos param de trabalhar, enquanto o capataz enfurecido procura calá-lo.

CAPATAZ - Quero esses golpes mais fundos e não tão altos. É p'ra isso que te pagam.

1º OPERÁRIO - *(Interrompendo o trabalho e segurando o machado)*
Camaradas, a gente estamos fartos disto. Os gajos fecham-nos as fábricas e põem-nos a trabalhar como escravos a cortar árvores e a ganhar uma miséria que nem dá para comer. E ainda por cima temos de fazer todos os dias quatro horas a pé. É de mais. A gente tem de protestar.

CAPATAZ - Cala-te p'ra aí o mandrião, e dá-te por muito feliz em ganhar esses tostões. Se não fosse o governo vocês estavam todos desempregados.

2º OPERÁRIO - Cala-te tu, ô animal. Ele tem razão. A gente não tem culpa que esses senhores do Governo tenham fechado as fábricas para não terem de nos pagar. A gente tem o direito de ganhar pelo nosso trabalho e o que nos pagam aqui é uma miséria. Como se não chegasse vímos todos os dias a pé da Marinha até aqui. A merda tu e os teus patrões.

3º OPERÁRIO - Bem amigos, eu acho que se a gente estiver unidos e conseguirmos um sindicato, eles não se atreverão a tratar-nos como cães, a quem se dá um osso para os calar.

CAPATAZ - Deixem-se de lérias e recomecem a trabalhar imediatamente.

VOZES - Trabalha tu se queres.
- A gente dá-lhe é um arraial de porrada.
- Mas quem é que esse gajo se julga?...
Ainda te trabalhamos ainda...

1º OPERÁRIO - Camaradas, vamos à Repartição das Matas e protestemos todos unidos, e toca a levar os machados para o que der e vier.

VOZES - É assim mesmo que se fala.
- Desta vez eles vão ouvir a gente, quer queiram quer não.

2º OPERÁRIO - Isto agora é mesmo a sério, ou eles nos dão condições p'ra gente ter um sindicato e melhores salários ou nós rachamos os gajos de meio a meio.
Toca a andar p'ra Repartição.

OUTRO - E tu meu melro, ou te calas muito calado ou ainda lhe experimentas o peso.

(Os trabalhadores saem em manifestação, decididos e gritando com entusiasmo)

NARRADOR - Os trabalhadores, empunhando com firmeza as suas ferramentas dirigiram-se à Repartição das Matas, atravessando a Marinha Grande, onde receberam o apoio e a aclamação de grande parte da população ●

quadro IV

NA REPARTIÇÃO DAS MATAS



A manifestação engrossada de numerosas pessoas que a ela se juntaram na Marinha Grande, detem-se em meio de entusiasmo diante da Repartição das Matas. O chefe da Repartição acompanhado de um funcionário, aparece em cena aturdido, mas procurando esconder sob a máscara burocrática todo o seu medo.

CHEFE DA REPARTIÇÃO - Mas que é isto? ... Vocês abandonaram o trabalho e com todos esses machados? ...
Mas por amor de Deus, até parece que querem matar alguém.

1º OPERÁRIO - A gente espera que não seja preciso. Nós vimos aqui porque estamos fartos de trabalhar nestas condições. A gente quer melhores salários e transportes. E a gente está disposta a não arredar pé daqui en quanto vossemecê não nos der garantias.

CHEFE DA REP. - Bem meus amigos, eu aconselho-vos a terem calma e a não exagerarem. De qualquer modo, eu sozinho não posso decidir nada.
(Faz sinal ao funcionário que se dirige para um telefone ao fundo)
Deem-me tempo para falar com os meus superiores.

FUNCIONÁRIO - Guarda? ...

CHEFE DA REP. - De qualquer modo porque é que vocês não vão embora calmamente, que eu depois vos direi o que consegui.

FUNCIONÁRIO - Não podem vir? ... Ora merda.

2º OPERÁRIO - A gente não arreda pé daqui. E vossemecê trate de se despachar homem, porque senão nós cortamos o mal pela raiz.
(Esta última frase é acompanhada de um brandir de machado)

FUNCIONÁRIO - *(Baixo para o chefe)*
Da Guarda dizem que não querem vir. Que são muito poucos...

CHEFE DA REP. - *(Hesitante e demonstrando o medo que o começa a invadir)*
Eu vou ver o que posso fazer.
(Sai da cena)

3º OPERÁRIO - Eh! Camaradas, alguém que vá com esse sacana senão o tipo ainda faz das suas .

VOZES DE APOIO E INICIATIVA.

4º OPERÁRIO - Eu vou. *(Para os outros)* Camaradas, não arredem pé. A Guarda não se atreverá a intervir .
UNIDOS VENCEREMOS.

Há vozes que respondem.

NARRADOR - Os patrões e os seus lacaios (Câmara, Guarda Republicana, etc.), habituados às manifestações do 1º de Maio ficaram altamente impressionados pelo carácter violento desta luta, cedendo em grande parte às exigências dos trabalhadores. Como consequência imediata desta luta, os operários conseguiram melhoria de salários e transportes de ida e volta para o pinhal ●

quadro v

UM HOMEM E UMA MULHER



Entra um operário trazendo um embrulho.

MULHER - Donde vens tu, homem? Eu ouvi barulho, mas não me atrevi a sair.

HOMEM - *(Desfaz o pacote que continha material para fazer um copiôgrafo manual, que começa a preparar)*

Fizeste mal mulher. A gente lã no pinhal revoltou-se e resolveu vir manifiestar a Repartição das Matas. Havias de ver ; na vila as pessoas juntaram-se a nós e os gajos da repartição estavam todos cagados de medo.

MULHER - Mas homem, e o emprego? Perdeste o emprego? E como é que vamos viver? O que eu ganho não chega. Vê lã no que te metes homem.

(Reparando no trabalho que o homem está a fazer)

E o que é isso?

HOMEM - Nós não perdemos o emprego. Atê conseguimos que eles nos aumentassem os salários e nos dessem transportes para o pinhal. E isto *(copiôgrafo)* é um instrumento muito fácil de construir, que serve para nós fazermos um papel para ser distribuído na vila a todos os trabalhadores.

(Explica o funcionamento)

Nós temos de continuar a lutar, é a única maneira de conseguirmos os nossos direitos.

MULHER - Lutar. Lutar. Lã na fãbrica a Joana também está sempre a falar nisso. Mas o que é que adianta homem? A gente nasceu para trabalhar, somos pobres.

(Noutro tom) Olha a sopa que está a arrefecer.

HOMEM - Primeiro quero acabar este trabalho;

(Continua a trabalhar no copiôgrafo)

eu depois aqueço a sopa; e isso de uns nascerem para trabalhar e outros para ganhar, são histórias contadas; porque não ouves o que a Joana diz? Ela tem razão. Essa danada fãbrica é um inferno.

MULHER - Eu tenho medo de a ouvir, tenho medo homem.

HOMEM - Também eu tive medo hoje lã no pinhal quando pegãmos nos machados, mas foi só um bocadito; quando a gente atravessou a vila de machados na mão, jã o tinha perdido hã muito. Nós estãvamos unidos e sabãmos o que querãmos.

MULHER - Eu também sei o que quero. Pão para nós e para os nossos filhos e viver em paz.

HOMEM - E para o conseguir, mulher? Vamos esperar que tudo isto nos caia do céu?

(A mulher tem um gesto de raiva. O homem acaba de trabalhar no copiôgrafo e lê para o público um dos panfletos acabados de fazer)●

quadro vi

INAUGURAÇÃO DO SINDICATO



NARRADOR - A luta dos operários continua firme e dura até 1932, tendo sido criado neste ano um sindicato dos trabalhadores da indústria vidreira com sede na Marinha Grande.

1ª OPERÁRIO - Camaradas, inauguramos hoje o nosso sindicato. Ele tornou-se necessário para realizar a união de todos os operários da indústria vidreira. Um operário isolado não se pode defender contra a união dos patrões; mas se os operários se unirem todos, podem obrigá-los a ceder. Devemos estar contentes com esta vitória. Ela é o resultado do nosso trabalho e do nosso sacrifício na luta. Mas lembrem-se camaradas, que ela é um primeiro passo. O sindicato terá de ser defendido todos os dias. Ele deve ser um meio a utilizar para novas lutas.

2ª OPERÁRIO - Vê como valeu a pena. Agora já temos o nosso sindicato.

1ª MULHER - Cã na minha não vai durar muito. Eles hão-de fazer tudo para o tirarem das nossas mãos e meter lá uns tantos que estejam feitos com os patões, para fazerem de nós o que querem.

3ª OPERÁRIO - Isso é se os deixarmos. Vossemecê não viu quando viemos lá do pinhal c'os machados na mão, como eles tiveram medo. Ai não, que não tiveram. E olhe que eles só hão-de governar enquanto nós os deixarmos. Se não houvesse tantos traidores e tantos ignorantes ...

2ª MULHER - Lá isso é verdade, mas lá virá o dia.

3ª MULHER - Infelizmente nada se faz sem sacrifício. Olhe que custa muito não ter pão para dar aos filhos. E se não lutamos então é que nos comem de todos os lados. Não temos nada a perder.

NARRADOR - A classe operária da indústria vidreira tinha o seu sindicato. Estava apta a combater pelas suas reivindicações económicas. Mas isto não agradou aos patrões e ao governo, visto que era contra os seus interesses.

quadro VII

FASCIZAÇÃO DOS SINDICATOS



Vêm dois trabalhadores do fundo da cena, fingindo que falam um com o outro. Quando vêem a mulher levantar-se da cadeira e pôr uma "écharpe" com modos ariatoeráticos, param e sentam-se à boca da cena, onde assistirão a tudo o que se vai passar.

NARRADOR - (Interpretado por uma actriz que imitará uma senhora nobre da época, no estilo do actual Movimento Nacional Feminino.)

Estávamos todos muito preocupados com a agitação que se passava na altura.

Em 1932, os comunistas tiveram a desfaçatez de descer à rua, gritando e injuriando as nossas instituições.

Felizmente que a coragem e a bravura dos companheiros fascistas esmagou a revolta. Seria que o país estava a cair na subversão, que os trabalhadores começavam a querer ser livres e a deixar de respeitar os patrões? As pessoas mais importantes da Nação! O nosso próprio presidente S^a. Ex^a. Dr. António de Oliveira Salazar, célebre pela sua calma e frieza nas situações mais difíceis, andava particularmente nervoso, chegando a discutir todos estes problemas com os seus amigos: Marechal Óscar Fragoso Carmona, Presidente da República; Sua Eminência Manuel Gonçalves Cerejeira, então Cardeal; Marcelo Caetano, esparançoso jovem do fascismo, que mais tarde o haveria de substituir no mando do país. Aparece também Rolão Preto, organizador dos sindicatos fascistas, homem sério e decidido, mas que caiu em desgraça porque não conseguiu esmagar a odiosa influência dos sindicatos vermelhos.

Os actores sentam-se em cadeiras, virados para o público, à medida que o narrador os vai anunciando.

PERSONAGENS - Salazar - Carmona - Cerejeira - Marcelo Caetano - Rolão Preto.

SALAZAR - A subversão não pode continuar. Os operários continuam a querer organizar-se, passam a vida a falar de sindicatos, revoltam-se e exigem aumentos de salários.

CEREJEIRA - Ai valha-nos Deus.

MARCELO CAETANO - (Dedo no ar) Dá-me licença Sr. Presidente? Já o nosso projecto do estatuto do trabalho nacional diz que o trabalho não pode ter interesses acima do capital.

CARMONA - Hum! Hum!

CEREJEIRA - E aquele rapaz, o Rolão Preto, não parece má pessoa; ele não conseguiria dar um geito nesta confusão?

SALAZAR - Como nós nos entendemos. Oh! Rolão. (Chamando com um som de dedos)

ROLÃO PRETO - (Saudação nazi, continência) Às vossas ordens.

Comentárioónico de Cerejeira - Abençoa-o.

MARCELO CAETANO - (Olha com ar beatífico e meio sorridente).

SALAZAR - (Olhar desconfiado e despeitado).

CARMONA - Hum! Hum! Descansar.

ROLÃO PRETO - *(Abandona o sentido, mas continua com o braço estendido).*

SALAZAR - Como vai esse sindicato?

ROLÃO PRETO - Os bolcheviques e os anarquistas infiltram-se em todo o lado. A classe operária está minada e deixa-se levar pelas ilusões tecidas por esses fanáticos.

SALAZAR - O Sr. quer dizer que não vê a possibilidade de derrotar o Sindicalismo inspirado pelos anarquistas ou pelos comunistas?

ROLÃO PRETO - Bem, a situação não é entusiasmadora, mas como a nossa doutrina, o nacional-socialismo, já triunfou na Itália com o nosso camarada Mussolini, e como na Alemanha o nosso íntimo amigo Hitler caminha para o poder, é natural que esta crise seja passageira e que venhamos a esmagar esses canalhas.

SALAZAR - Pode retirar-se. *(Retirada apressada de Rolão Preto).*

CEREJEIRA - Ai credo, Antônio, não me digas que o nosso bom Povo trabalhador está a perder a fé em Deus.

SALAZAR - Bem, vamos organizar os nossos sindicatos, os Sindicatos Nacionais. Proibimos os outros e acabou-se.

MARCELO CAETANO - Muito bem. Muito bem. *(Batendo palmas).*

CARMONA - Hum! Hum!

CEREJEIRA - Oh! *(De mãos postas).*

SALAZAR - É preciso é propôr uma votação à Nação, um plebiscito. Temos de dar um ar de legalidade a esta coisa, e o melhor é votar uma constituição diferente. Precisamos de uma ordem nova, uma ditadura.

Entra o homem do plebiscito. (Anuncia o plebiscito) É votar, é votar, é dever de todo o cidadão votar. (Escreve a votação num quadro).

SALAZAR - Some. Some os votos, homem. *(A adição é feita).*

SALAZAR - A Nação foi consultada e respondeu favoravelmente e esmagadoramente à proposta do Governo. A partir de hoje existe uma nova lei de estado, proibindo os partidos políticos da Oposição. Para resolver os problemas dos trabalhadores temos os Sindicatos Nacionais, sendo definitivamente abolidas as outras organizações da Classe Operária, fonte de discórdia e inimizades no bom Povo Português.

Comentários entusiásticos dos outros comparsas.

CEREJEIRA - Deus protegeu-nos.

CARMONA - Hum ! Hum!

MARCELO CAETANO - Parabéns senhor presidente.

A senhora tipo Movimento Nacional Feminino entrega um ramo de flores a uma criança que o vai dar a Salazar. Este beija a criança, pega no ramo de flores e ao mesmo tempo põe-lhe o braço na saudação fascista. Toca o Hino Nacional. Nessa altura os trabalhadores fazem um manguito ●

quadro VIII

REUNIÃO DO COMITÉ REVOLUCIONÁRIO

ÍSSO P'RA ESTRADA DEITAM-SE UMAS ÁRVORES ABAIXO. PARA OS CORREIOS DEVEM SER PRECISOS UNS DEZ HOMENS. A CONCENTRAÇÃO FAZ-SE EM CASAL GALEGO, É LÁ QUE SERÃO DISTRIBUÍDAS AS ARMAS.



NARRADOR - Depois de o Governo ter tomado os sindicatos, o Partido Comunista propôs que se convocassem reuniões de Assembleias Gerais para levar os trabalhadores a votar contra o Estatuto do Trabalho Nacional. Mas alguns sindicatos, de tendência anarquista, não estavam de acordo com esta palavra de ordem e diziam que se devia fazer uma Greve Geral Revolucionária. Finalmente chegou-se a uma Frente Unida entre os anarquistas, o Partido e os diversos Sindicatos que entraram em acordo para a realização de uma acção armada. Entretanto o Partido tinha lançado Manifestos do Comité dizendo que controlava sectores da polícia e do exército. Estas notícias, demasiado optimistas, contribuíram para que os trabalhadores julgassem que se pudesse tomar o poder de um dia para o outro.

Para combinar a acção local, reuniu-se na Marinha Grande o Comité Revolucionário, que agrupava operários de várias tendências políticas.

MANECAS - Camaradas, eu já disse várias vezes que não estou de acordo com esta revolta, e muitos outros camaradas pensam como eu. Todos os trabalhadores estarão com a gente? Duvido. Nós ainda não somos muito fortes. Falta-nos organização, era preciso primeiro fazer campanhas de esclarecimento e propaganda, agitação pública para os mobilizar. Não estamos nós a precipitar-nos?

A. GUERRA - Os trabalhadores estão mobilizados e dispostos a ir para a frente. O levantamento geral é a única maneira de acabar com as injustiças de que somos vítimas e de termos uma vida melhor. A luta p'los nossos sindicatos não chega, é preciso derrubar o governo e instaurar o Governo do Povo.

1º OPERÁRIO - Pois claro, tanto nós os comunistas, como os anarquistas, os socialistas e os republicanos, todos estamos unidos para a luta, temos que ir para a frente. O 18 de Janeiro é a esperança para todos os trabalhadores. Devemos de ter em conta que não somos só nós aqui, todo o país se está a preparar para se levantar com armas. Não basta defender os nossos sindicatos, pois mais dia me-nos dia, eles voltam a apanhá-los. A única saída é a revolução.

MULHER - Eu acho que o povo está mobilizado. Onde há miséria há revolta, e na porrada é que se aprende. Não vamos agora voltar ao princípio. Temos é que estabelecer os planos e p'ra frente é que é o caminho.

MANECAS - Não sou eu que vou ficar para trás. Se todos acham que se deve ir para a frente, eu cá vou convosco. Se disse que ainda era cedo é por que me parece que há muita gente que tem medo e que ainda não percebeu que a única maneira de deixar de ser explorado é acabar com os patrões e o governo que os apoia.

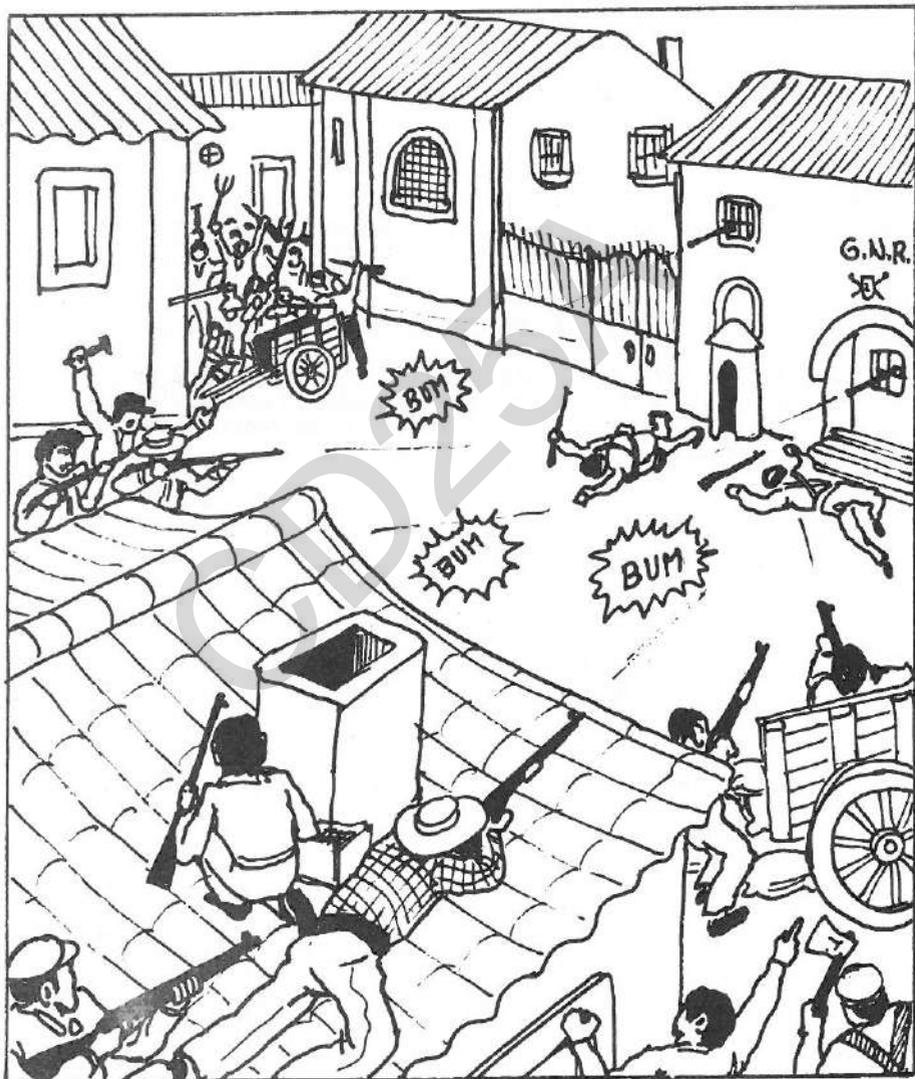
MULHER - Não percebeu o quê? Atão a gente não percebe que vive na miséria enquanto os patrões enchem a barriga com o fruto do nosso trabalho? Que diabo. Isso não é assim tão difícil de perceber. Se os ricos são ricos é com o que nos roubam. Quem é que trabalha para eles amealharem? Nós não precisamos deles, as fábricas podem muito bem funcionar sem os patrões, eles só lá vão buscar aquilo que a gente produz.

A. GUERRA - Bem, passemos então ao que interessa. A mim parece-me que com uns vinte ou trinta homens armados conseguimos tomar o posto da GNR e com as armas que lá arranjarmos ficamos senhores da situação.

- ANARQUISTA - Então, e as armas para o ataque? Eu tenho lá em casa uma caçadeira que não serve só p'rós coelhos, também serve para matar fascistas.
- 19 OPERÁRIO - As armas arranjam-se todas as que podermos. Também as caçadeiras, sim senhor. Se lhes serrarmos os canos ficam melhores que espingardas da GNR. Já há algumas e há camaradas que têm pistolas, facas, machados, foices e forquilhas que também hão-de servir e ser precisos.
- ANARQUISTA - Então e as bombas? O Manel trabalha na pedreira, pode roubar dinamite. Tenho cá uns amigos que são especialistas nisso. Ou essa cambada da Guarda se rende ou lá vai laranja...
- MANECAS - E se alguém avisa para Leiria? O melhor é cortarmos as comunicações... Olha ... Os Correios ... A estrada que vai para Leiria, a de Vieira... A linha do comboio.
- A GUERRA - Isso p'rã estrada deitam-se umas árvores abaixo. P'rós Correios é que devem ser precisos uns oito ou dez homens. É preciso cuidado com esse canalha do Leal ... Esse grande filho da puta (*Abana a ca beça com raiva*) ... A gente tem que se pôr a pau com ele.
- MULHER - Ele também hã-de ter a sua conta. Nós lhe trataremos da pele ...
- A. GUERRA - Bem, eu estive hã bocado com camaradas que estão a preparar tudo. Há gente que está a ser instruída sobre o manejo d'armas. A concentração faz-se em Casal Galego e é lá que todas as armas serão distribuídas●

quadro IX

INSURREIÇÃO



Ao fundo à direita um cartaz diz: GUARDA NACIONAL REPUBLICANA; à esquerda outro diz: ESTAÇÃO DOS CORREIOS.

À frente, estão concentrados os operários que vão atacar os dois objectivos. O dirigente A. GUERRA tem uma braçadeira vermelha, estão todos armados. Com a cena assim construída entra o narrador.

NARRADOR - Na noite de 17 para 18 de Janeiro de 1934, às primeiras horas da madrugada e segundo o plano estabelecido, fez-se a concentração de grupos de operários, e o ajuntamento de armas, munições e ferramentas necessárias. Assim de Casal Gallego, sob a direcção de A. GUERRA, saíram cinco grupos de operários (cada um com cinco operários) um para o ataque ao posto da GNR e outro grupo para atacar o posto dos Correios; os outros partiram para cortar as linhas telefónicas, as linhas de caminho de ferro e as estradas.

A. GUERRA - Camaradas, as outras brigadas já partiram para as suas tarefas. Agora é a nossa vez. Atenção ao meu tiro de pistola. O posto e os Correios têm de ser atacados ao mesmo tempo. Vamos a isto.

Um grupo de operários (o 1º e o 2º) dirigem-se para a proximidade dos Correios. Os outros, dirigidos por A. GUERRA, tomam posições perto da GNR, atrás de cadeiras que imitam uma barricada.

A. GUERRA - Vocês atacam pelas traseiras.

Dois operários saiem para o fundo da cena. A. GUERRA aponta a pistola para o ar e dispara. Todos os operários começam a disparar. O grupo dos correios entra na estação.

CHEFE DOS CORREIOS - Mas que é isto?! ... Não tenho nada a explicar. Não estou autorizado para isso. Além disso não é da vossa conta.

1º OPERÁRIO - Não é da nossa conta? Não era, mas agora passa a ser.

2º OPERÁRIO - E a partir de agora, somos nós operários a mandar nisto e não tu meu fascista de merda.

1º OPERÁRIO - E ou explicas ou meto-te um tiro nos cornos.

CHEFE DOS CORREIOS - Estã bem. Estã bem. Eu explico.

1º OPERÁRIO - Estã a ver camarada. Estes gajos fazem-se fortes, mas quando pegamos em armas, cagam-se de medo.

2º OPERÁRIO - Anda lã o cobardola. Diz lã como é que se mexe nisso.

A explicação é feita por meio de mímica, assim como os telefonemas que se seguem. A partir desta altura a cena passa para o posto da GNR. Está formada uma barricada em frente do posto. O tiroteio recomeça com intensidade. Aparece um operário correndo (para junto da barricada perto de A. GUERRA e dos seus camaradas). A. GUERRA virando-se pergunta:

A. GUERRA - Então, novidades? Novidades?

4º OPERÁRIO - Camaradas, as linhas e as estradas estão cortadas.

CD25A

CD25A

VOZES - VIVAM!

Depois do VIVA o espectáculo é interrompido para o público poder participar no mesmo. Os actores tentam que ele "viva", o 18 de Janeiro de 1934. É lançado para o meio do público um boneco de fraque, cartola e charuto, simbolizando um capitalista.

4º OPERÁRIO - Camaradas, aquela é a nossa bandeira. Hoje é a vez da Marinha Grande, e não só da Marinha Grande mas de todo o país. Camaradas aquela é a bandeira da vitória.

5º OPERÁRIO - VIVA A REVOLUÇÃO. Camaradas, vamos cantar a INTERNACIONAL.

Todos cantam a INTERNACIONAL.

3º OPERÁRIO - Todo o poder ao povo.

1º OPERÁRIO - Defendamos a nossa terra. Vamos organizar-nos.

4º OPERÁRIO - Vamos reabrir o nosso sindicato.

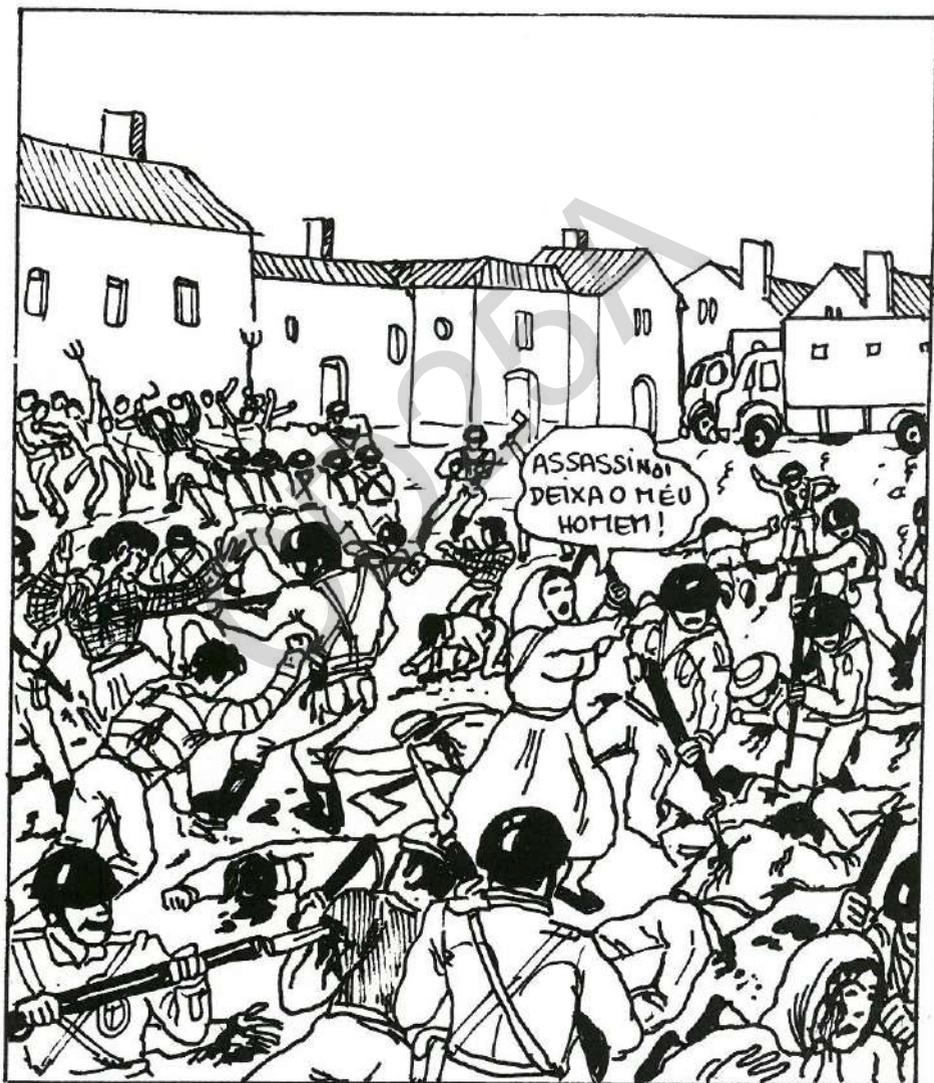
5º OPERÁRIO - Todos ao sindicato.

Neste momento ouve-se rajadas de metralhadoras. Vários operários caem ao chão, incluindo o que levava a bandeira. Levantam-se, mas um deles continua estendido. Pegam nele e arrastam-no. Ouvem-se mais tiros e a confusão é geral; os operários fogem em todas as direcções. Alguns agrupam-se, são apenas dois ou três, durante uns momentos.

A. GUERRA - É a tropa de Leiria. Vou prevenir o Comitê. Juntamo-nos no pinhal●

quadro x

REPRESSÃO E FINAL



CD25A

CD25A

quadro final



CD25A

CD25A

CD25A

CD25A

"O NOSSO OBJECTIVO É GARANTIR QUE A LITERATURA E A ARTE SE INTEGREM COMO PARTE COMPONENTE DO CONJUNTO DA MÁQUINA DA REVOLUÇÃO, QUE FUNCIONEM COMO UMA ARMA PODEROSA PARA UNIR E EDUCAR O POVO, PARA ATACAR E DESTRUIR O INIMIGO, E QUE AJUDEM O POVO A COMBATER O INIMIGO COM UM MESMO SENTIMENTO E UMA MESMA VONTADE."

mao tsé tung

